

PREPOSIÇÕES EM VERBOS DE MOVIMENTOS NA MODALIDADE ESCRITA DO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Romário Da Encarnação Bomfim¹
Eduardo Ferreira Dos Santos²

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos apresentar uma descrição preliminar das preposições selecionadas em verbos de movimentos na variedade angolana do português, a partir de produções escritas de dois gêneros textuais: reportagens de jornal e um texto literário. Segundo Castilho (2010: 583), as preposições são palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional e localizam no espaço e no tempo os termos aos quais se ligam, atuando como operadores de predicação, isto é, fazem atribuições de propriedades semânticas às palavras que relacionam (CASTILHO, 2010: 584). Em relação aos domínios das preposições, diversos estudos apontam propriedades divergentes quando comparamos as variedades brasileira (doravante, PB) e europeia (doravante, PE) do português, principalmente quando relacionamos o seu uso na complementação de verbos de movimentos (MOLLICA, 1996; OLIVEIRA, 2005; AVELAR, 2006; TORRES MORAIS & BERLINCK, 2006; PIRES, 2010; dentre outros). Avelar (2017, p.15), por exemplo, aponta que nos verbos direcionais de movimentos como ir, vir e chegar o PB atesta uma elevada frequência da preposição em, em detrimento da preposição a, largamente usada no PE, não desconsiderando, também, a preposição para, presente nas duas variedades. Avelar também nos chama a atenção para o uso de a estar relacionada a um possível estilo formal, ao contrário do uso de em para situações espontâneas. Apresentamos, então, como essas preposições estão presentes na variedade do português angolano (doravante, PA) a partir de dados que contemplem a modalidade escrita da língua, que pressupõe uma certa formalidade e uso de uma norma linguística distinta da fala, em algumas ocasiões.

Palavras-chave: Preposições; verbos de movimento; Português de Angola.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Campus dos Malês, Discente,
romario@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Campus dos Malês, Docente, eduardo@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, diversos trabalhos apontaram as diferenças e aproximações nas gramáticas do PB e do PE para variados fenômenos linguísticos. Em relação às preposições, também tivemos diversos trabalhos que descreveram e analisaram seus usos.

De modo geral, podemos tomar as preposições como uma classe morfossintática fechada, ou seja, uma classe em que há baixa possibilidade de criação de novos membros, ao contrário do que encontramos nas classes abertas, como o verbo e o substantivo, por exemplo. Para Castilho (2010, p.583), as preposições são palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional. Ainda segundo o autor, contrariamente ao que aponta alguns gramáticos, a preposição não é uma classe esvaziada de sentido, pois localiza no espaço e no tempo os termos aos quais se ligam, atuando como operadores de predicação, isto é, fazem atribuições de propriedades semânticas às palavras que relacionam (CASTILHO, 2010, p.584).

As preposições fazem parte do processo de complementação verbal ao constituírem o sintagma preposicional (SP) requerido como argumento de alguns tipos de verbos. Dentre esses verbos, podemos considerar os verbos de movimento.

Os verbos de movimento, ou direção, aqui são considerados como verbos que envolvem o deslocamento da “figura” em direção a um “ponto de referência”, sendo a “figura” representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o sujeito que se desloca ao “ponto de referência” (CASTILHO, 2010, p.593). São verbos de movimento: ir, vir, chegar, seguir, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, passar, entrar, sair, mudar-se, transferir-se etc., conforme vemos a seguir:

(1) A criança deve ir o mais cedo possível à escola, entendeu?

Em (1), temos a locução verbal “deve ir” funcionando como um verbo de movimento, sendo “a criança”, sujeito da oração, a figura que se desloca para o ponto de referência “escola”. Em (1), temos o ponto de referência introduzido pela preposição “a”.

Para a língua portuguesa, diversos trabalhos se debruçaram sobre os verbos de movimento e as especificidades presentes no PB e no PE para a complementação direcional desses verbos (MOLLICA, 1996; OLIVEIRA, 2005; AVELAR, 2006, 2017; TORRES MORAIS & BERLINCK, 2006; PIRES, 2010; dentre outros). Segundo Santos (2017, p.146) essa singularidade pode ser vista nos complementos com as preposições “para” em detrimento do recuo da preposição “a” e, sobretudo, a introdução de complementos direcionais com a preposição “em”, inerentemente locativa :

(2) Eu fui À igreja. PB: ok/PE: ok

(3) Eu fui PARA a igreja. PB: ok/PE: ok

(4) Eu fui NA igreja. PB: ok/PE*

Convém atentarmos que a língua portuguesa não se limita ao eixo Brasil-Portugal, ou ao âmbito América-Europa. O português também é a língua de estatuto oficial, no continente africano, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe, embora tenha status diferentes em cada país, seja como língua materna, segunda língua, língua estrangeira ou de uso comercial etc. Assim, é importante que estudos de descrição e análise linguísticas também contemplem essas variedades de português presentes em África.

Avelar (2017) é um destes trabalhos que busca descrever e analisar as variedades afro-portuguesas . Ao analisar as preposições usadas na complementação de alguns verbos de movimento em afro-variedades do português, o autor considera o uso da preposição “a” (5) e “para” (6) na introdução dos complementos verbais como traços conservadores, já que se fazem presentes no PE, diferente das que ele considera como traços inovadores, como complementos direcionais introduzidos por “em” (7), “para” e “em” (8) e

complementos direcionais sem preposição (9) :

(5) já fui A Ponta Negra (Cabinda/Angola)

(6) já fui PRA Luanda (Cabinda/Angola)

(7) dois mil e onze eu vim já aqui NO Zenze (Cabinda/Angola)

(8) vou para lá EM casa dele (Maputo/Moçambique)

(9) vou igreja (Cabinda/Angola)

Assim, se nas descrições e análises linguísticas de dados orais percebem-se singularidades no uso das preposições junto aos complementos direcionais de verbos em movimentos, nosso trabalho objetiva averiguar como em um discurso escrito, no âmbito literário e da imprensa, que se pressupõe o uso de uma norma culta, ocorre - ou não a - essa diferenciação ou alternância de preposições no PA, aproximando-se dos traços conservadores, como o PE, ou traços inovadores, das demais afro-variedades do português nos termos de Avelar (2017).

Seguindo essa “Introdução”, o texto discorrerá sobre a situação da língua portuguesa em Angola considerando as dinâmicas sócio-históricas e aspectos linguísticos que a particularizam. Em seguida, tratamos sobre as preposições em verbos de movimento no PA e finalizamos o artigo com as considerações finais e as referências.

METODOLOGIA

A primeira etapa para o desenvolvimento da pesquisa envolverá a revisão bibliográfica acerca do referencial teórico adotado para o projeto. A princípio, pretende-se a leitura desses textos acompanhada de discussões que podem ser realizadas no âmbito do próprio grupo de pesquisa e também individuais. Nesta etapa, será importante a delimitação dos conceitos básicos dos pressupostos teóricos que envolvem os estudos da classe das preposições a partir de uma abordagem formalista.

A etapa seguinte prevê a constituição do corpus, seguida da organização e delimitação dos dados linguísticos. O referido corpus será construído a partir de textos literários de escritores angolanos (romances, contos e/ou crônicas); textos retirados de jornais/periódicos angolanos (editoriais, matérias jornalísticas, textos de colunistas etc.) disponibilizados online.

A delimitação dos dados será realizada a partir de uma leitura criteriosa do corpus e o recorte de sentenças em que conste o uso de preposições acompanhadas de verbos de movimento. Em seguida, serão feitas as descrições e análises dos tipos de preposições e os respectivos verbos que licenciam seu uso. Embora não objetivamos uma descrição quantitativa, buscaremos apontar a quantidade de dados levantados e a relação/frequência de uso para cada preposição considerada dentro do corpus de modalidade escrita trabalhado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra Quem me dera ser onda foram encontrados os seguintes verbos de movimentos: dar, chegar, caminhar, correr, andar, entrar, descer, sair e ir. Juntamente a esses verbos de movimentos, foram utilizadas as preposições “para”, “a”, “em” e “de”:

Preposição A

(23) [restos de carne] que servem para dar A cães.

(24) por fim chegaram À varanda.

(25) Ruça foi À porta.

(26) E sempre em corrida desceram as escadas até AO segundo andar.

Preposição PARA

(27) O homem correu PARA a porta.

Preposição EM

(28) Diogo atravessou a sala comum, chegou NA varanda larga.

(29) Eu não vou entrar EM casa.

(30) Depois desceram EM casa de Beto já com um rascunho.

(31) Foi NA cozinha e trouxe a resposta.

Preposição DE

(32) As donas a sair DAS portas numa azáfama de bloquear a passagem ao bandido.

A partir dos dados apresentados, de (23) a (32), notamos que todos os verbos de movimento envolvem o deslocamento da “figura” para um “ponto de referência”, que são introduzidos por um sintagma preposicional. Seguindo a definição de Avelar (2017), tivemos o uso do complemento direcional com “traços conservadores”, que podem ser vistos nos dados com as preposições A (dados de (23) a (26)) e PARA (dado (27)). Também tivemos, no entanto, o uso da preposição EM, o que seria, em alguns casos, um “traço inovador” em relação ao uso dessa preposição em sintagmas preposicionados direcionais.

Os usos inovadores estão exemplificados nos dados:

(i) dado (28), quando há a substituição da preposição A - v. regência do verbo “chegar” - pela preposição EM;

(ii) dado (30), quando há a substituição da preposição ATÉ - v. regência do verbo “descer” - pela preposição EM;

(iii) dado (31), quando há a substituição da preposição A ou PARA - v. regência do verbo “ir” - pela preposição EM.

Os dados (28), (30) e (31) parecem apontar para a generalização que atestamos no PB quando do uso da preposição “em” para expressar direção e interioridade. Esses dados se aproximam, portanto, do morfema “ku”, do quimbundo - cf. dados (16) a (18) - apontado por Mingas (2000) e que pode nos dar “pistas” de uma possível interferência da língua banto em contato com o PA.

O dado (29) mantém o “traço conservador” ao respeitar a regência do verbo “entrar” conforme preconiza a norma padrão fazendo uso da preposição “em”. Embora nos estudos dos verbos de movimentos e o uso das preposições não tivemos diante da preposição “de”, o dado (32) também parece ser o caso de um “traço conservado” ao fazer o uso da preposição junto ao verbo “sair”.

Nas reportagens do “Jornal de Angola”, levantamos apenas os seguintes verbos de movimentos: chegar, mudar e regressar. Para esses verbos, também foram utilizadas as preposições “para”, “em” e “a”:

Preposição A

(33) Você lembra o que viveu quando chegou À capital?

(34) Donald Trump sonha regressar à Casa Branca.

Preposição PARA

(35) [quando] mudou-se de armas e bagagens PARA a Casa Branca.

Preposição EM

(36) Ao chegar EM Luanda encantei-me com o mar.

Assim como apontamos para os dados de (23) a (32), o conjunto de dados selecionados a partir do “Jornal de Angola” também envolvem o deslocamento da “figura” para um “ponto de referência”. Os verbos de movimento, como esperado, introduzem os sintagmas preposicionais.

No “Jornal de Angola” tivemos o uso das preposições com “traço conservador”, representadas por A (dados (33) e (34)) e PARA (dado (35)). Embora representada apenas com um dado, o uso “inovador” do

complemento direcional introduzido pela preposição EM está presente no dado (36). Assim como no dado (28), apresentado anteriormente, aqui temos a substituição da preposição “a” pela preposição “em”, em contraste ao que é exigido pela regência do verbo “chegar” se considerarmos uma norma padrão.

CONCLUSÕES

De modo preliminar, pudemos concluir que, no PA, o uso das preposições em verbos de movimento na modalidade escrita, mais afeita a uma certa normatividade e “conservadorismo”, aponta para um uso semelhante ao que foi já levantado para a modalidade oral, conforme trabalhos de Santos (2017) e Avelar (2017).

Essa aproximação entre a modalidade oral e escrita dá-se, principalmente, na alternância de preposições junto aos complementos direcionais de verbos de movimentos, com destaque à preposição “em”, o que aponta estarmos diante de um traço inovador, nos termos de Avelar.

Pudemos concluir, também, que parece haver uma questão de diglossia presente na comunidade angolana em relação ao uso de diferentes normas dentro de um mesmo espaço. Há uma necessidade, portanto, de estender a pesquisa com um número maior e diferenciados de dados e tipo de corpus, além de uma análise quantitativa para se compreender, de fato, a extensão do uso das preposições em situações em que a língua é considerada de uso culta ou formal, seja na modalidade oral ou escrita.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu orientador, o professor Eduardo dos Santos, por todo apoio, parceria e orientação durante o período da pesquisa.

Agradeço também ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UNILAB, o PIBIC UNILAB, pela concessão da bolsa de iniciação científica.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Juanito. Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 14, p.99-144, 2006.
- AVELAR, Juanito. Complementos direcionais em afro-variedades de português e espanhol. *Moderna Sprak*, p. 15-44, 2017.
- BERNARDO, Ezequiel. Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, n.32, p. 39-54, 2017.
- CASTILHO, Ataliba. Gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. História sociopolítica da língua portuguesa. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- INVERNO, Liliana. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sistema nominal. In: CARVALHO, Ana Maria (Ed.). *Português em contato*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Editorial Vervuet, 2009, p.87-106.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- MIGUEL, Maria Helena. Dinâmica da pronominalização no português de Luanda. Luanda: Editorial Nzila, 2003.

MIGUEL, Maria Helena. A língua portuguesa em Angola: normativismo e glotopolítica. LUCERE 5, Luanda, ano 4, p.35-48, 2008.

MILLER, Joseph. A economia política do tráfico angolano de escravos no século XVIII. In: PANTOJA, Selma; SARAIVA, José Flávio. Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p.11-67.

MINGAS, Amélia. Português em Angola: reflexões. VIII Encontro das Universidades de Língua Portuguesa. Comunicação oral. 1998.

MINGAS, Amélia. Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda. Porto: Campo das Letras, 2000.